

# CASO ANTÔNIO PEREIRA

Antônio Cunha/CB/D.A Press



Parentes e amigos de Antônio fizeram ato simbólico em frente ao Palácio do Buriti: indignação

## Familiares cobram respostas

» MARA PULJIZ

Passados nove meses da morte do auxiliar de serviços gerais Antônio Pereira de Araújo, as polícias Civil e Militar do DF ainda não deram uma resposta para o caso. O Inquérito Policial Militar foi concluído, mas até hoje a família da vítima não teve acesso ao relatório da Corregedoria da corporação. Antônio desapareceu em 27 de maio do ano passado, após ser abordado por seis policiais militares dentro da propriedade de um sargento, no bairro Araçopanga, em Planaltina. O caso, inicialmente, foi tratado como um desaparecimento, mas o corpo da vítima foi encontrado seis meses depois, em uma área de cerrado.

Durante a manhã e a tarde de ontem, familiares e amigos de Antônio de Araújo fizeram um ato simbólico em frente ao Palácio do Buriti para cobrar respostas das autoridades. Levaram

faixas, cartazes e o caixão que deveria receber os restos mortais de Antônio para o local. A ossada do auxiliar de serviços gerais ainda está no Instituto de Medicina Legal (IML) à espera de liberação. "Estamos fazendo o velório do meu irmão. Esse caixão vai para a Copa do Mundo, para o Senado, para a porta da casa da Dilma Rousseff. Vou levá-lo para onde eu quiser. O Estado vai ter que dar conta desse corpo. A gente não quer saber de ossada torturada no Distrito Federal. Enquanto não trouxerem quem torturou, não vamos enterrá-lo", disse Silvestre Araújo, irmão de Antônio.

### Tecnologia

Segundo laudo do Instituto de Medicina Legal (IML), Antônio teve quatro costelas quebradas. Por meio da análise de um pedaço de pele mumificada, o instituto também identificou que o auxiliar de serviços gerais sofreu

hemorragia decorrente de perfuração com objeto contundente. A conservação do cadáver ajudou os peritos na análise do material. Apesar de ser encontrado seis meses após a morte, a ossada estava recoberta em várias áreas por tecido mumificado. A preservação do material foi possível porque o cadáver estava embaixo de uma árvore.

Em uma coletiva na semana passada, o secretário de Segurança Pública do DF, Sandro Avelar, disse que a Polícia Civil tem trabalhado para elucidar o caso. "Tem sido feito um trabalho utilizando tecnologia. A gente vai identificar a causa da morte e a autoria", garantiu Avelar. Hoje, às 15h, uma comissão de Direitos Humanos da OAB, da Secretaria de Direitos Humanos (SDH) do Senado e a Defensoria Pública do DF farão uma diligência na delegacia de Planaltina e em outros locais apontados pela família para fiscalizar os trabalhos.